

## **As duas faces da alteridade midiática: exótico geográfico e exótico sociocultural na telenovela brasileira**

*José Augusto Mendes Lobato<sup>1</sup>*

---

1    Jornalista graduado pela Universidade da Amazônia (Unama). Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Jornalismo e Epistemologia da Compreensão, do Programa de Pós-Graduação da mesma instituição.  
[gutomlobato@gmail.com](mailto:gutomlobato@gmail.com)

**Resumo**

O texto propõe uma reflexão a respeito dos processos de contato com o outro viabilizados pelos produtos da mídia audiovisual brasileira — tomando, como objeto de análise central, a telenovela. A partir de dois exemplos de figuração da alteridade nas obras *Duas caras*, de Aguinaldo Silva, e *Caminho das Índias*, de Gloria Perez, são apontadas as distinções entre o exótico geográfico, mais associado à distância espacial, e o exótico sociocultural. Serão abordadas, ainda, questões como as demarcações entre o próximo e o distante e a noção de fronteira trabalhada por Iuri Lotman para, ao fim, chegar-se a uma discussão a respeito das funções das narrativas da mídia e das posturas adotadas em relação ao outro à hora do contato cultural viabilizado por elas.

**Palavras-chave**

Exótico geográfico, exótico sociocultural, telenovela brasileira, fronteiras, narrativas de alteridade.

**Abstract**

This text proposes a discussion about the processes of contact with the Other which are allowed by the audiovisual products of Brazilian media — taking, as an object of study, Brazilian soap operas. Taking two examples of alterity representation on the soap operas *Duas caras*, from Aguinaldo Silva, and *Caminho das Índias*, from Gloria Perez, the text will point distinctions between the geographical exotic, associated to spatial distance, and the sociocultural exotic. Issues such as the demarcation between the distant and the near and the notion of frontiers debated by Iuri Lotman will also be addressed, in order to analyze the functions of media narratives and the postures adopted when in contact with the Other at the time of mediatized cultural interaction.

**Keywords**

Geographical exotic, sociocultural exotic, Brazilian soap opera, frontiers, Alterity narratives.

## Introdução

Comumente associadas à constituição do imaginário e de visões consolidadas sobre a identidade do país que retratam em suas tramas, as telenovelas, há muito, não falam somente daquilo que é próximo e facilmente reconhecível por seu público. De maneiras as mais diversas possíveis, os produtos de ficção exibidos em horário nobre combinam elementos de familiaridade — essenciais a sua sustentação comercial — com paisagens culturais distantes à hora de conduzir suas tramas e personagens. Por esse motivo, pode-se inserir o gênero na categoria das *narrativas de alteridade*; ou seja, produtos capazes de promover um contato, mesmo que mediado, superficial e necessariamente voltado ao lúdico, com o outro.

No entanto, embora essencial à compreensão dos processos de significação da diferença no texto de ficção, o raciocínio a respeito do embate entre a identidade — o próximo, o familiar, o constitutivo — e a alteridade — distante, exótica e questionadora — não é capaz de dar conta da complexidade de tais fenômenos. Isso porque, necessariamente, pensar a respeito de elementos que favorecem a identificação e a experiência de conhecimento ou contato com o outro na telenovela nos leva a novas questões. A principal delas: o que englobam e contêm, afinal, as categorias “familiar” e “exótico” — ou “próximo” e “distante”, como também as denominaremos ao longo deste texto?

Definir e adotar esses termos para avaliar, comparar, posicionar e até hierarquizar os fenômenos sociais e os elementos culturais do mundo que nos cerca é um processo tão corriqueiro quanto passível de análise mais detalhada. Se, por um lado, argumentamos que a alteridade e a identidade fazem parte de um único processo dialético, visível como nunca em tempos de mundialização da cultura, por outro, é necessário que um passo adiante seja dado no sentido de entender quais apropriações se pode fazer do outro a partir das demarcações entre ele e a individualidade estabelecidas nas experiências de interação cultural nas mídias (e por meio delas).

Tendo em mente que a ficção seriada e, mais especificamente, a telenovela brasileira têm no cerne de sua estrutura “a exploração de mecanismos do reconhecimento popular” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 135), mas também vivem em constante interação com elementos de alteridade, precisamos reconhecer e saber utilizar os mecanismos centrais do termo exótico — comumente associado, de forma reducionista e algo pejorativa, àquilo que “do estrangeiro me seduz” (MACHADO, 2008, p. 98) — e seus usos na constituição de olhares sobre si mesmo e sobre os universos socioculturais que cercam o indivíduo.

Deve-se, para isso, compor o raciocínio em ao menos três direções. A primeira é discutir quais são as delimitações entre o que se identifica como familiar e o que é observado como alheio ou distante — recorrendo, para tal, às noções de exótico e de fronteira e à questão da formação dos universos socioculturais a partir do estabelecimento de distinções entre o “Eu” ou o “Nós” e o “Ele” ou o “Eles”, em consonância com a argumentação sobre as formações identitárias contemporâneas. Outro foco de atenção é a questão das fragmentações internas das identidades e a possibilidade de haver elementos externos ou marginais às representações e narrativas “hegemônicas” das sociedades.

Em seguida, chegaremos a uma definição teórica que aponta, ao menos, duas categorias ou formas de exótico — uma associada à territorialidade e outra, mais complexa, associada à temporalidade e às estruturas socioculturais. Tais noções serão exemplificadas por meio das telenovelas *Caminho das Índias* e *Duas caras*, que, cada qual à sua maneira, tratam de universos culturais outros em suas tramas.

Por fim, caminha-se para a interação entre culturas a partir do ato de enunciação ou diálogo a fim de discutir as posturas comumente associadas ao contato com o outro — dos julgamentos de valor aos processos comparativos e de hierarquização de qualidades ou elementos de distinção e identificação. Para isso, recorreremos a autores que tratam da questão da alteridade, tais como Tzvetan Todorov, Renato Ortiz e Homi Bhabha, além de estudos relacionados à

questão da cultura e da estruturação semiológica do discurso social, de autores como Ivan Bystrina, Iuri Lotman e Stuart Hall. Tal raciocínio será útil para que compreendamos de que forma a narrativa de ficção televisiva induz a formas específicas de categorização e hierarquização do próximo e do distante.

### **Demarcações entre o próximo e o distante: questão de referencial?**

Pois o outro deve ser descoberto. Coisa digna de espanto, já que o homem nunca está só, e não seria o que é sem sua dimensão social. [...] Pode-se dizer, um pouco grosseiramente, que a vida humana está contida entre dois extremos, aquele onde o eu invade o mundo e aquele onde o mundo acaba absorvendo o eu [...] (TODOROV, 1993, p. 243).

A frase acima, dita por Todorov em sua clássica obra *A conquista da América*, aponta um dos desafios mais complexos da contemporaneidade: saber descobrir, reconhecer, distinguir e, simultaneamente, compreender o outro e usufruir dele, tendo-o como uma referência de distinção e um componente de aproximação do indivíduo ao mundo que o cerca. Isso porque se, por um lado, compreender a realidade depende da consolidação de identidades e imaginários locais, por outro, também tem relação com a observação daquilo que nos é distante e a consequente tomada de posição em relação ao exógeno.

As definições comumente associadas ao familiar e ao exótico remetem à consolidação de visões sobre si mesmo e ao estabelecimento de demarcações entre o indivíduo e os demais sujeitos ou grupos que diferem de si — histórica, política, social, comportamental e culturalmente. Para isso, é essencial que esteja minimamente claro quais elementos podem ser considerados “familiares” a determinado grupo ou universo social — o que, certamente, renderia infindáveis páginas de debates relativistas e pouco elucidativos. Nossa intenção, porém, é identificar quais mecanismos são utilizados para delimitar o familiar e distingui-lo de outros universos socioculturais.

No senso comum, define-se como familiar todo tipo de tradição, saber, fazer, código ou imagem cultural que se insere no “repertório simbólico compartilhado” (LOPES, 2004) de universos sociais estabelecidos. Mais que associá-lo à questão da consolidação da identidade — que figura mais como *causa* do que como *consequência* da agregação de elementos nessa categoria —, porém, podemos melhor compreender o familiar ao inseri-lo no campo da cultura.

Tal perspectiva é trabalhada, em especial, por Straubhaar (2004) à hora de discutir a inserção do gênero telenovela no cenário internacional. Por meio do conceito de *proximidade cultural*, o autor indica que a ficção seriada brasileira, a despeito de sua relação com a identidade do país, consegue mobilizar públicos e viabilizar processos de identificação quando consumida no exterior — isso por conta dos elementos comuns a várias regiões e universos culturais que são naturalmente inseridos nas suas tramas ou adaptados a elas.

Apartir de elementos e recursos estéticos variados, cria-se uma perspectiva de pertencimento ou aproximação àquilo que é exposto nas representações e discursos culturais. Os mecanismos para viabilizar a identificação no processo de consumo, apesar de baseados na linguagem, no entanto, também têm relação com “outros níveis de similaridade ou proximidade”, segundo o autor, como “vestimenta, tipos étnicos, gestuais, linguagem corporal, definições de humor, ideias sobre o andamento da história, tradições musicais, elementos religiosos etc.” (STRAUBHAAR, 2004, p. 91).

O exemplo é rico não apenas por tratar de nosso objeto de estudo mas também por apontar que reconhecer algo como familiar é um processo que concerne tanto à observação, ao olhar de quem consome as representações, quanto à *forma* com que o discurso ou enunciação é construído. Além disso, vê-se que o contexto de globalização e de ascensão das mídias tem papel fundamental à hora de modificar a percepção humana do que é próximo e

do que é distante; como diz Lopes (2004, p. 129), em seu debate sobre a ficção midiática exportada, “a transgressão de fronteiras nacionais é também a transgressão de universos simbólicos”.

Já a definição do que é “exótico” tende a ser mais facilmente compreendida com base no raciocínio oposto: aquele tipo de conteúdo que, a despeito das infindáveis tentativas de estabelecer códigos comuns e, de certa forma, homogeneizar a produção cultural humana (MARTÍN-BARBERO, 2004), continua a permanecer como um mistério — um código a ser decifrado, enfim — para variados públicos no processo de contato com as representações e discursos que o apresentam.

Mais adiante, iremos problematizar a discussão a respeito das formas e categorias de exotismo; porém, desde já, deve-se entendê-lo como uma extensão natural da concepção de “estrangeiro” ou “distante” — muito embora não seja, necessariamente, sinônimo desses termos, por ir além do espectro geográfico-espacial e considerar, também, as diferenças linguísticas, culturais, sociais e de temporalidade. Explica Machado (2008, p. 98, grifo nosso):

Há uma sutil diferença entre a maneira como empregamos a palavra “estrangeiro” e a palavra “exótico”, embora os seus significados semânticos sejam bastante próximos [...]. Mas “exótico” acabou por receber uma conotação mais positiva, é *aquilo que me fascina no diferente*.

O que, há, então, de subjacente à identificação desses dois termos? Compreender (ou ao menos tentar fazê-lo) os mecanismos comumente atribuídos ao processo de distinção e estabelecimento de limites entre um e outro. Para isso, deve-se recorrer à noção de *fronteira* — que em muito nos explica de que forma os processos de categorização e interação entre culturas são encaminhados no contexto dos meios de comunicação.

## Fronteiras e processos de regulação

No processo de construção das representações nas narrativas de alteridade, um dos mecanismos mais comuns é o de trabalhar com elementos “fronteiriços”, capazes de simultaneamente apresentar familiaridades e exotismos — que estimulam, na mesma medida, processos de identificação e vivências de alteridade — culturais, ou com recursos de “tradução” dos discursos exógenos para uma linguagem e forma mais próximas ao público consumidor do conteúdo; como diz Machado (2008, p. 107), “o pretexto [da tradução] é sempre a comunicabilidade”.

As *fronteiras* que são estabelecidas entre universos e grupos sociais aludem aos estudos a respeito da semiosfera empreendidos por Iuri Lotman (1998). Ao definir esta última como “un conjunto de distintos textos y de lenguajes cerrados unos com respecto a los otros” (LOTMAN, 1998, p. 23-24), o autor aponta que, por meio de um trabalho progressivo de *identificação de semelhanças* e de *confronto com diferenças*, os núcleos de indivíduos que compartilham anseios minimamente próximos tendem a consolidar “bolhas” ou “redomas”, dentro das quais uma cultura é forjada e reforçada e fora das quais os outros ou “forasteiros” são posicionados pelos membros internos — muitas vezes com base em julgamentos de valor e hierarquizações.

O que é novo nesse raciocínio é precisamente a afirmação da existência de uma fronteira (ou “película”, como também denomina o autor), que tem como função principal auxiliar no processo de elaboração da organização interna e externa da cultura, além de permitir intercâmbios e trocas eventuais entre os diferentes universos postos em contato. Por conta disso, gradativamente, sua capacidade de viabilizar um conhecimento amplo a respeito do outro tende a fazer que os elementos socioculturais internacionalizados “se especializem”, sendo não mais “comuns” e “naturais”, e sim estruturas articuladas de distinção e fortalecimento de tradições e saberes específicos (LOTMAN, 1998, p. 42).

Porém, por lidar com diferentes acepções de familiar e exótico — naturalmente, sempre dependentes de um referencial ou ponto de vista ou limitadas a isso —, as fronteiras semiológicas tendem a exercer um papel não apenas de espaços de interação mas também de barreiras contra a penetração desmedida de discursos exógenos. Está-se diante de uma das faces mais relevantes do processo de “regulamentação cultural” (HALL, 2002) que articula e organiza as vinculações, de forma a permitir que a “totalidade de textos” que compõem a cultura esteja organizada e a salvo de quaisquer desorganizações (BYSTRINA, 1995, p. 13).

Esse papel de “defesa” das fronteiras semiológicas não só tende a fortalecer os dualismos “eu-ele” ou “próprio-alheio” no campo da cultura como, também, ajuda a estabelecer métodos e padrões de adaptação de discursos exógenos — ou não mensagens — a uma linguagem minimamente inteligível (*informativa*) aos sujeitos sociais que os consomem. Como diz Lotman (1998, p. 26), “la función de toda frontera y película [...] se reduce a limitar la penetración de lo externo en lo interno, a filtrarlo y elaborarlo adaptivamente. [...] Significa la separación de lo próprio respecto de lo ajeno”.

Tal perspectiva é facilmente aplicável ao contexto da ficção seriada brasileira. Identificar essas fronteiras, na realidade, significa compreender as possibilidades da regulação entre o familiar e o exótico no campo das representações culturais; é necessário, porém, ter em mente que o exótico é assim identificado, assimilado e compreendido a partir de um quadro de referências, de um prisma sociocultural, próprio do que o contempla — ou a partir do ponto de vista exposto nas representações.

Nosso entendimento a respeito dos termos familiar e exótico, bem como sobre sua associação à noção de fronteira, porém, continua não sendo suficiente para entender o funcionamento do campo da cultura humana nas interações viabilizadas pela ficção midiática. Afinal, mesmo no interior de estruturas semiológicas ou culturais aparentemente bem definidas e enquadradas, se podem

encontrar “contraculturas” ou “contranarrativas” que, por um lado, evidenciam a fraqueza dos sistemas de formação identitária e, por outro, expõem a existência de múltiplas quebras e fissuras nas narrativas e noções do que são o próximo e o distante em relação ao universo sociocultural em questão.

### **Fissuras, quebras, contranarrativas**

Antes de associá-lo ao campo das representações simbólicas, a questão aqui levantada concerne à própria consolidação dos universos culturais que são objeto de produção de discursos e enunciados. Recorrendo à discussão a respeito dos processos contíguos de globalização, de industrialização de bens culturais e de consolidação dos meios eletrônicos de comunicação, pode-se observar que, além do próximo e do distante, bem como das “fronteiras” que os delimitam, há uma categoria que não pode ser esquecida: o “estranho dentro do familiar” — cuja materialização mais clara está nas denominadas contraculturas ou contranarrativas, para utilizar os termos de Homi Bhabha (1998).

Ao discutir o processo de produção textual sobre as comunidades simbólicas contemporâneas — as “narrativas da nação” —, o autor explica que, há muito, não se pode falar em formações identitárias sem analisar as relações de poder que as produzem. No mesmo rumo, Woodward (2000, p. 18-19) discute que, nelas, surgem não apenas as problemáticas das hegemonias e dominações como também uma visão relativamente clara de que, assim como ocorre em outras dimensões da existência humana, como a ciência e a política, na cultura, sempre haverá “o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”.

O motivo para a existência de tais relações é simples: os processos em que identidades sociais são elaboradas demandam a inclusão e a exclusão de determinados elementos socioculturais em suas definições coletivamente aceitas; além de simplificadoras por natureza, estas últimas necessariamente reproduzem um pensamento hegemônico. Entende-se, portanto, que “identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior” (WOODWARD, 2000, p. 14) — na realidade, *deve*.

Essa perspectiva introduz um elemento problemático no raciocínio empreendido até agora: para além do familiar e do exótico, há, também o exótico “interno”, inserido em estruturas familiares, e elementos familiares externalizados nas narrativas de alteridade. Não à toa, adotamos a perspectiva de que, a despeito dos esforços teóricos que serão levantados para incluir a postura diante da alteridade como elemento central, a questão de definir o que é familiar e o que é exótico não deixa de ser, também, *uma questão de ponto de vista*. É preciso voltar olhares para as fragmentações que se sinalizam nas representações e identidades supostamente fixas dos grupos sociais.

Ao se contraporem aos essencialismos identitários, as fissuras mostram a problemática da inserção da cultura num campo de mundialização que torna algo datadas as dualidades nacional-estrangeiro e eu-outro (CANCLINI, 2000, p. 362). Como diz Ortiz (2000, p. 68), em sua análise sobre a construção de olhares em relação ao Oriente, os limites dentro/fora e centro/periferia não encontram mais aderência diante das características da nova configuração global dos processos culturais. Recorramos às palavras do autor:

Insularidade, nação, grupo. Encontramo-nos diante de territorialidades delimitadas a partir de um centro. Cada uma delas configurando uma identidade, uma especificidade envolta pela exterioridade de suas fronteiras. [...] Não devemos, porém, imaginar a identidade como algo ontológico, uma substância que “realmente existe”. [...] Uma identidade é sempre uma construção simbólica que se faz em relação a um referente (ORTIZ, 2000, p. 64).

A internalização das fragmentações e dos descentramentos do campo cultural por parte de estruturas identitárias tidas como fixas geram o que Bhabha (1998) denomina de as “contranarrativas da nação” — perspectivas subjugadas, esquecidas ou mesmo ignoradas nos processos de narração da identidade. São “subculturas” e pensamentos/imagens diferentes da realidade que não têm aceitação e legitimidade suficientemente amplas para figurar nas representações culturais hegemônicas.

Uma das contribuições mais interessantes do pensamento do autor é associada à capacidade de enriquecimento das culturas e identidades a partir da diversificação de visões e perspectivas sobre um mesmo grupo social. Isso porque “as contranarrativas da nação [...] perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas” (BHABHA, 1998, p. 211).

Há, portanto, um lado positivo na existência da tradição e nos eventuais questionamentos dela impostos por esse movimento: passa-se a se enxergar a relatividade das concepções de familiar e exótico. Mais que conceitos fechados, eles são perspectivas sempre abertas ao questionamento, por lidarem com uma realidade sociocultural marcada pela multiplicidade e pela complexidade. Partiremos agora para uma rápida discussão a respeito das duas dimensões de exótico que pretendemos identificar. A observação de “duas faces” do termo nas obras *Caminho das Índias* e *Duas caras* também suscita uma argumentação em torno da postura — ou *atitude* — a respeito da contemplação da alteridade.

### **As duas faces do exótico: posturas e processos de (re)conhecimento**

De um lado, o mundo das favelas da capital do Rio de Janeiro, surpreendente, rico em referências, fascinante e, a despeito de todas suas contradições e problemáticas, cativante — não só para turistas como também para grande parcela da população brasileira. As ruas estreitas, os eventuais (às vezes, nem tanto) lampejos de violência urbana, as casas de madeira e tijolo sem acabamento, o fluxo intenso de pedestres e a desorganização dos espaços comuns e das vias de acesso: marcas de um Estado ausente e da existência de ritmo e estrutura sociais distintos, longe de sua tutela.

De outro, uma Índia de certa forma indissociável da exuberância visual e do multicolorido que dominam os filmes típicos de Bollywood. Os trajes suntuosos, as ruas dominadas por pedestres, veículos e até animais — sem semáforos ou quaisquer sistemas de organização de tráfego —, as mansões de arquitetura

médio-oriental contemporânea, os rituais religiosos, as relações familiares e as expressões em híndi, idioma local, intercaladas aos diálogos em português.

O que, afinal, *Duas caras*, produção de Aguinaldo Silva veiculada entre 2007 e 2008, e *Caminho das Índias*, de Gloria Perez, exibida em 2009, compartilham ao oferecer, em suas histórias, abordagens narrativas sobre locais tão diferentes como os acima apontados? Ao contrário do que o senso comum — sempre em tom pejorativo — nos indica, não apenas (embora *também*) as regras e os padrões básicos da narração ficcional televisiva da Rede Globo de Televisão.

Ambas estão falando de “outros” — um, mais visível, que alia a distância territorial às diferenças culturais (*Caminho das Índias*), e outro cuja maior peculiaridade é a capacidade de figurar como exótico, mesmo quando internalizado em uma ambientação urbana facilmente reconhecível pelo público (*Duas caras*) —, contrapondo-os e mantendo-os em contato com o próximo a partir de recursos estéticos variados para explicar transferências de eixos — sejam espaciais, sejam culturais, sejam uma mistura de ambos (SADEK, 2008, p. 125). Há, certamente, correspondência entre a ideia anteriormente apontada das contranarrativas e a existência do exótico sociocultural; isso porque, fugindo à regra do que tradicionalmente se associa ao termo, fala-se, sobretudo, de elementos culturais e grupos sociais que, embora inseridos num ambiente reconhecível, distinguem-se dele em vários aspectos.

Tendo como principal fator de distinção as qualidades e posturas culturais, o exótico sociocultural é o que, falando de modo mais simples, poderíamos denominar “o estranho dentro do familiar”; são as narrativas, costumes e tradições de grupos sociais que compartilham códigos com as representações legitimadas em seu ambiente, mas não a ponto de se configurarem como familiares aos sujeitos “de fora”. Esse é o caso da favela carioca em *Duas caras* — que é mostrada em uma trama que, paralelamente, versa sobre a classe média carioca, porém sempre apontando as várias diferenças entre o modo

de vida dela e o dos moradores da Portelinha, favela pacificada e liderada por Juvenal Antena (Antônio Fagundes).

Já o exótico geográfico, de mais fácil identificação, é aquele associado ao “estrangeiro”, ao “forasteiro” e ao “estranho”, que diferem não apenas nos costumes como também na territorialidade. É nesse eixo que oposições do tipo Ocidente-Oriente e Sul-Norte, bem como as hierarquizações por origem geográfica, costumam ser construídas na forma dos discursos e das representações. Como exemplar prático dessa modalidade está o mundo indiano de *Caminho das Índias* — cujo leque de elementos que favorecem a alteridade é amplamente superior ao de conteúdos familiares ao público telespectador.

Entre essas duas categorias de exotismo, há uma tendência de valorizar o exótico geográfico à hora de refletir acerca da alteridade. Segundo Todorov (1993, p. 154), por exemplo, “a pedra de toque da alteridade não é o *tu* presente e próximo, mas o *ele* ausente ou afastado”; isso porque, mais do que buscar referências de aproximação entre si mesmo e o estrangeiro, a questão de relevância ao estudar o assunto é tentar compreender o exótico “mais distante”. A nosso ver, tal posicionamento deve ser superado; a abordagem da alteridade em obras como *Duas caras* consegue, inclusive, mostrar-se mais complexa e rica do ponto de vista analítico do que a atribuída a diversos textos de ficção associados ao exótico espacial.

Ao tratarmos do termo exótico e de suas categorias, fala-se, portanto, de um fenômeno de dupla face, que agrega a diferença cultural advinda das socialidades e dos costumes de uma mesma comunidade à experiência de contato com sociedades de outras nações, continentes ou até mesmo eixos globais — caso de *Caminho das Índias*. O que figura como mais importante, porém, não é a mera identificação dessas categorias. É, a partir delas, entender de que forma observar o outro pode fomentar processos de avaliação, análise e categorização — seja com objetivos meramente instrumentais, seja sob uma perspectiva dialógica ou complexa, que valorize a vinculação e a ampliação da experiência humana a partir do contato com a alteridade.

## Atitudes e posturas diante do outro

Diferentemente do que as aparências nos induzem a pensar, o processo de contato e diálogo com o outro (geográfico ou sociocultural) é muito mais um “conflito” — no sentido de embate, de interação ou de argumentação altamente problemática — do que um diálogo descompromissado e respeitoso com o “forasteiro”. E isso muito antes de quaisquer problemáticas inseridas no processo pela ascensão dos dispositivos de mediação comunicacional.

Naturalmente, a base dos processos de hierarquização e de posicionamento do indivíduo a respeito da alteridade está associada às oposições binárias eu-outro ou eu-ele. Por trás delas, segundo autores como Bhabha (1998) e Woodward (2000), mais que formações identitárias naturais e sem vinculação com relações de poder, estão tomadas de posição que tendem “a desvelar desigualdades de poder e julgamentos arbitrários referentes a um dos dois, tido como ‘desviante’ ou ‘errante’” (WOODWARD, 2000, p. 54). Tal questão precisa ser discutida — afinal de contas, deve-se levar em conta a influência dos processos cognitivos mobilizados pelo contato cultural sobre o próprio processo de concepção das representações simbólicas do outro.

Em seu trabalho, Todorov (1993) aponta as várias formas de reconhecer a alteridade. Com base nas experiências tiradas do contato entre conquistadores e populações tradicionais à época da conquista da América, percebe-se que, da relação inicial até a formação de um olhar estável sobre o outro, o indivíduo tende a estabelecer uma sequência de três tomadas de posição — a saber: o julgamento de valor, o movimento de aproximação-distanciamento e a postura consequente de conhecer ou ignorar aquele que se lhe apresenta como distante. Nas palavras do autor:

Primeiramente, [há] um julgamento de valor [...]: o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, [...] me é igual ou me é inferior [...]. Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro [...]: adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre

a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (TODOROV, 1993, p. 183).

O processo, portanto, iniciar-se-ia com uma avaliação “vertical”, baseada em valores ainda simplistas e dualistas (bom-ruim; interessante-desinteressante). Aproximar-se ou distanciar-se do outro é, por natureza, processo que depende ou de uma identificação ou, no caso do processo de conquista da América pelos europeus, de uma certa “imposição” da própria imagem — ou seja, do extremo de “aderir” ao outro ao de cruel e friamente subjugar-lo. Há, ainda, a indiferença como elemento intermediário. E, por fim — e *mais importante*, em nosso caso —, define-se uma postura de conhecer a identidade do outro ou ignorá-la, seja por desprezá-la, seja por querer “anulá-la”.

A análise do autor é datada e alude a um momento histórico específico, mas ainda possui grande relevância por levantar posturas comumente atribuídas ao indivíduo no processo de observação do que nos é distante — mesmo que seja por meio dos produtos de comunicação contemporâneos. Uma das questões mais relevantes concerne ao próprio processo de identificação, até agora por nós visto como a assimilação algo “inocente” de elementos comuns a dois mundos culturais; na perspectiva do autor, identificar-se pode ser, também, uma forma de negar a especificidade alheia e abrir caminho para uma desvalorização da diferença (TODOROV, 1993, p. 41), por julgá-la desnecessária.

Na outra ponta do processo, há, também, o risco de o reconhecimento das diferenças significar não o respeito à singularidade, mas o estabelecimento de fronteiras rígidas e a legitimação de relações de poder: o diferente não é *apenas* diferente — é, também, bom ou ruim, melhor ou pior em relação àquele que o contempla. No caso de contatos em que há poucas semelhanças e muitas diferenças culturais entre os interlocutores, acredita Todorov (1993, p. 73), tende-se a considerar o outro inferior, inclusive, já que “se não fala a

nossa língua, é porque não fala língua nenhuma, não sabe falar”. Na falta de entendimento maior, mais fácil que reconhecer a própria limitação é ver o outro como “selvagem”, deixando de fazer maiores esforços para compreender sua linguagem e seu repertório cultural.

A possibilidade de escapar desse tipo de relação, que toma a alteridade como objeto, e não como sujeito agente, dotado de uma singularidade contributiva à consolidação de identidades sociais, é considerada essencial pelo autor. O melhor método para tal é o diálogo e a observação atenta das diferenças, buscando representá-las e internalizá-las na mesma medida em que se externa a própria individualidade — como diz Todorov (1993, p. 128), “é falando ao outro (não dando-lhe ordens, mas dialogando com ele), e somente então, que reconheço nele uma qualidade de sujeito, comparável ao que eu mesmo sou”. No mesmo direcionamento, Morin (2002, p. 95) diz que o outro, sob uma perspectiva compreensiva, deve ser percebido “como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco”. Isso porque “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”, mesmo que diante da diferença.

Não é difícil perceber que os autores encontram suas referências e seus ideais de base na filosofia do diálogo empreendida por Martin Buber (2001), que, ao trabalhar com as noções de “Eu-Tu” e “Eu-Isso”, já apontava que, se não equilibradas, essas duas formas de relacionar-se com o mundo externo e seus sujeitos — a primeira, sensorial, efêmera, recíproca, subjetiva e associada à *relação*; a segunda, prática, objetiva e instrumental, relacionada à *experiência* — (BUBER, 2001, p. 52), cada qual dotada de qualidades e funções, não poderiam permitir uma experiência humana plena.

Segundo o autor, haveria riscos de que a tendência da humanidade a priorizar relações instrumentais<sup>2</sup> e conexões mais simplificadoras das

2 É preciso reforçar que, ao abordar a atitude “Eu-Isso” de forma específica, as teorias de Buber não a revestem de significação negativa. Pelo contrário: afirma-se que sua existência é necessária, já que “é uma das atitudes do homem face ao mundo, graças à qual podemos compreender todas as aquisições da atividade científica e tecnológica da história da humanidade” (BUBER, 2001, p. 53-54).

singularidades, em detrimento do estabelecimento de vínculos e da compreensão da alteridade, gradativamente enfraquecesse a própria consolidação do “Eu”. Isso porque ele só “se realiza na relação com o Tu” (BUBER, 2001, p. 13) e só consegue experimentar e vivenciar o mundo a partir da relação entre si mesmo e os sujeitos que o cercam.

Daí advém a famosa frase atribuída ao autor: “No princípio, era a relação”. Mais que em se comunicar, a base da vida humana estaria em se *relacionar* — seja com o próximo, seja com o distante, seja com o parecido, seja com o diferente. O pensamento buberiano, que certamente se revela muito mais profundo do que aquilo que poderíamos trazer para discussão neste texto, foi levantado aqui para complementar as ideias de Todorov e impor uma reflexão lúcida e enriquecedora sobre a importância da compreensão da alteridade na constituição do imaginário humano. Reflexão que pode — e deve — ser aplicada ao contexto da ficção seriada brasileira que versa sobre o exótico.

### **Considerações finais**

Há implicações diretas das tomadas de posição e posturas discutidas no conteúdo que é apresentado nos capítulos e cenas da ficção seriada. Ora, se a produção do texto e das imagens da telenovela brasileira tem relação com apropriações feitas pelos autores, roteiristas e diretores a respeito do outro, significa que as percepções e olhares sobre o exótico por eles desenvolvidos são transferidos à produção, que, por sua vez, apresenta-os ao público telespectador. Nossa perspectiva é a de que, ao trabalhar com o exótico em suas diferentes dimensões, “manuseando-o” livremente antes de levá-lo às audiências, a ficção seriada brasileira se reveste de importante funcionalidade: a de permitir contatos do telespectador nacional com elementos e universos socioculturais alheios a seu convívio cotidiano.

Por natureza, a forma com que sua narrativa ressignifica a realidade “outra” não será plenamente representativa de todos seus aspectos, tampouco

permitirá uma experiência plena — já dizia Flusser (2007, p. 116) que a grande virtude das imagens tecnicamente produzidas é a de permitir um contato mais amplo com a realidade; o grande risco, o de essas mesmas imagens vedarem nossos olhos para outros aspectos do mundo, ao acostumar-nos a apenas uma parte deles.

Porém, deve-se ter em mente que, sob nossa perspectiva, as representações midiáticas podem ser importantes instrumentos de enriquecimento da experiência humana, sobretudo no campo da interação e interlocução cultural mediada pela imagem da telenovela. A partir dos exemplos de *Duas caras* e *Caminho das Índias*, viu-se que, além de múltiplo em suas conexões e interfaces, o exótico pode ser abordado de distintas maneiras e ganhar visibilidade nas representações midiáticas.

A ideia ou hipótese subsequente, que ainda precisa ser exaustivamente discutida e “testada” em análises mais profundas da produção ficcional contemporânea, é que o gênero telenovela poderia ser capaz de nos enunciar o exótico, incentivar-nos a compreendê-lo — e não apenas conhecê-lo — e, quem sabe, informar-nos e nos divertir de forma simultânea, permitindo à linguagem do entretenimento midiático a apropriação de funcionalidades antes atribuídas somente aos produtos de informação.

## Referências

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, R. da S. *Ficção e realidade: as tramas discursivas dos programas de TV*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRANTS, K. "Quem tem medo do *infotainment*?". *Media & Jornalismo*, n. 7, 2005. Disponível em: <[http://www.cimj.org/images/stories/docs\\_cimj/n7-02-Kees-Brants.pdf](http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/n7-02-Kees-Brants.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2010.

BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

BYSTRINA, I. *Tópicos de semiótica da cultura*. São Paulo: Cisc, 1995.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

FLUSSER, V. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HALL, S. "Que 'negro' é esse na cultura negra?". In: HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LOPES, M. I. V. de (Org.). *Telenovela, internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

LOTMAN, I. "Acerca de la semiosfera". In: LOTMAN, I. *La semiosfera*: vol. 1. Madrid: Cátedra, 1998.

\_\_\_\_\_. "Que 'negro' é esse na cultura negra?". In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MACHADO, A. "Todos os filmes são estrangeiros". *MATRIZES*, ano 2, n. 1, 1º sem. 2008. Disponível em <[http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/54/pdf\\_45](http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/54/pdf_45)>. Acesso em: 3 jun. 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MELO, J. M. de. *As telenovelas da Globo: produção e exportação*. São Paulo: Summus, 1988.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez Editora, 2002

ORTIZ, R. *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SADEK, J. R. *Telenovela: um olhar do cinema*. São Paulo: Summus, 2008.

STRAUBHAAR, J. "As múltiplas proximidades das telenovelas e das audiências". In: LOPES, M. I. V. de (Org.). *Telenovela, internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TONDATO, M. P. *Telenovelas exportadas*. In: IV CONGRESSO DA ALAIC, 1998, Recife. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/16%20GT%202000Telenovela/MarciaPerecin.doc>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

TRIGO, L. G. G. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Senac, 2003.

WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual". In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.